



O artista, afastado das tendências e modas, jamais transigiu em seu trabalho.

Morre Bernardo Cid, um artista marginalizado

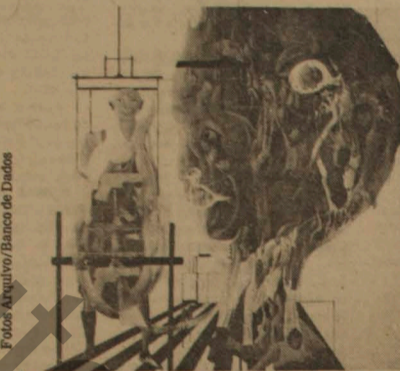
IVO ZANINI
Bernardo Cid, sepultado ontem no cemitério da Consolação, após quase três anos de grande sofrimento (câncer na coluna), pintou até 20 dias atrás. Deixou algumas telas incompletas no ateliê de Pinheiros, em que a figura humana é constante, pois sempre foi um dos enfoques principais de sua obra. Era natural de São Paulo e desapareceu aos 57 anos de idade.

A análise e o aprofundamento psicológico do homem marcaram o trabalho do artista, um dos mais competentes da arte moderna brasileira. Exigente e desgastado de seguir correntes/tendências mais visadas, preocupou-se tão-somente em pintar com criatividade. Sua meta era dissecar todos os ângulos possíveis permitidos pela arte.

Durante quase duas décadas — Bernardo Cid pintou durante 33 anos — concentrou-se nos segredos e nos pormenores da anatomia humana, utilizando cores sóbrias, uma cromática de penumbra. Isso, acrescido de pormenores nas formas retratadas, exigia do espectador uma atenção redobrada para ver/entender as visões propostas pelo artista. Na verdade, ele criava um mundo onírico que, se a alguns menos atentos ou receptivos à sua obra causava um certo impacto negativo, até mesmo de repulsa, para os que podiam entender sua arte sempre foi razão de emoção e grande sensibilidade.

De certa forma Bernardo Cid se considerava um pouco marginalizado, tanto pelos teóricos da arte como pelos colecionadores. Sua pintura entrava na faixa do "difícil de compreensão" e daí que custou a impor-se. Praticamente somente nos últimos anos é que seu trabalho teve uma aceitação maior. Mas ele jamais transigiu: só fez arte pela arte.

Os obstáculos não perturbavam a produção

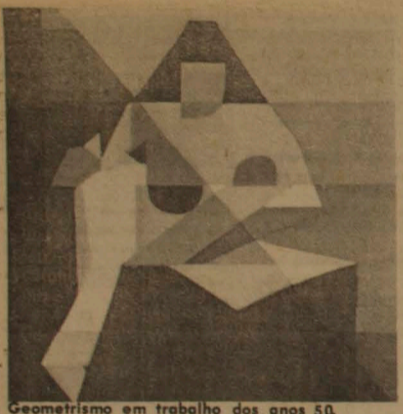


Anatomia humana, tema sempre presente.

do artista, que fez do seu ateliê o local permanente de criação. Mesmo há pouco, já bastante desgastado pela doença, não abandonou o estúdio. Mais: passou a preparar novas gravuras, sem deixar o cavalete e as tintas. Ainda na última semana deu continuidade a algumas matrizes.

Tomou parte de duas Bienais de São Paulo, de alguns Salões Paulistas de Arte Moderna — em 1968 recebeu o "Prêmio Governador" — e realizou raras mostras individuais. Seu trabalho intimista e perfeccionista exigia um labor paciente e da mais alta concentração. Isso explicava uma produção de relativa quantidade, porém suplantada, sem cotejos, com a qualidade.

Com Bernardo Cid morre também mais uma parcela dos poucos artistas que viveram/vivem unicamente da arte sem mistificação. Foi um artista digno.



Geometrismo em trabalho dos anos 50.



Waldemar da Costa e o extático-semoviente.

Seriedade em obra de mestre

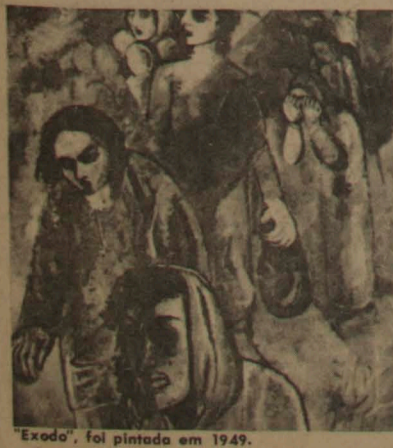
Um grande conhecedor da arte de pintar e um incansável comunicador dos segredos da pintura, esse foi Waldemar da Costa, falecido anteontem aos 78 anos, após longa enfermidade.

Durante quase meio século ele dividiu o tempo entre realizar-se no ateliê e orientar gerações sobre como produzir uma obra artística. Em seus quadros sempre empregou o melhor de seu tirocínio e criatividade. Nas primeiras figuras e paisagens, como depois nas diversificadas experiências levadas a bom termo, Waldemar da Costa teve como lema central a seriedade em tudo o que se propôs realizar. Concentrou seu talento em numerosos trabalhos e os resultados só trouxeram contribuição sadia para a arte brasileira.

Paralelamente à pintura, Waldemar da Costa transmitiu ensinamentos a muitos interessados. Diversos deles hoje já se impõem na categoria, como Arcangelo Ianelli, Chorus, Clóvis Garcia, Fiaminghi, Izer Berlinck, Maria Leontina, Miriam Chiaverini, Raquel Vaz de Arruda e Ubirajara Ribeiro, enquanto outros amadurecem as lições recebidas do mestre. Prova mais do que suficiente para colocar o artista agora falecido num pedestal pelo duplo serviço prestado à arte, ou seja, como incontestável realizador de belas e renovadoras obras e como o pastor que soube conduzir com segurança os discípulos que o procuraram em busca de orientação.

E não há como deixar de registrar a simplicidade, tônica da vida de Waldemar da Costa: a arte brasileira perde, com seu desaparecimento, um de seus mais dignos representantes.

Museu Nacional recebe Segall



'Exodo', foi pintado em 1949.

O óleo "Exodo", de Lasar Segall, datado de 1949, acaba de ser doado ao Museu Nacional de Belas-Artes, localizado no Rio de Janeiro, pelo museu que em São Paulo tem o nome do pintor.

Seus filhos, ao criarem o Museu Lasar Segall, estabeleceram uma cláusula de inalienabilidade para a maior parte das obras do pai. As restantes, porém, a seu critério, foram reservadas para doação aos principais museus nacionais.

Para receber a primeira obra doada pelos herdeiros de Segall, o Museu Nacional, do Rio, tinha como condições: ser um dos mais importantes em todo o País e não possuir em seu acervo nenhuma obra do pintor; ter se transformado nos últimos anos, deixando de lado sua característica de muitos anos de ser um repositório de arte acadêmica; por se tratar de um grande museu no maior centro turístico brasileiro; por ter sua atual direção trabalhado no sentido de organizá-lo e ampliar sua função social.

Lançamento completa tetralogia

RONALDO ANTONELLI

Eduardo Maffei, o doutor Maffei — ele também é médico, agora "na reserva" — é um senhor de 70 anos, barbas e cabelos encanecidos, lembrando a figura que o cinema americano divulgou como a de Freud. Fielista, já esbanja seu bom-humor logo ele inco: "Que você quer saber?" — vai perguntando. Minha opinião sobre o feminismo? Bem, eu acho o seguinte: o homem é gerado pela união dos sexos. Se nem Deus pôde dividir os sexos, por que a mulher iria fazê-lo agora?" E em seguida ri compassado.

Maffei está lançando, a partir das 19 horas de hoje, na livraria Capitu (rua Pinheiros, 339), seu romance "A Morte do Sapateiro", (Brasiliense, 254 págs., Cr\$ 1.400), que completa a tetralogia "Maria da Greve e o Etopeu", uma longa crônica da vida paulista, que percorre uma trajetória iniciada em finais do século passado e que termina em 1939. Uma longa pesquisa histórica se ergue por detrás de seu romance, um esforço que agora completa 22 anos de estudos e memórias e de que o leitor poderá fazer uma idéia a partir de um painel que entremeia a narrativa. Ai os diversos episódios que constituíram a história do período — no caso d' "A Morte do Sapateiro", a década de 30 — e interferiram diretamente na atuação dos personagens ficcionais são lembrados e expostos pelo autor.

MEMÓRIA DE COMPUTADOR

Um trabalho vintenario de estudos e memórias, disse? Sim, o doutor Maffei se confessa possuidor de "uma memória de computador, que muito me ajudou em minhas pesquisas". Ele lembra que "Platão lamentava a invenção da escrita, porque a história da Grécia antiga era tradicionalmente oral". Da mesma forma, ele se socorre em seu trabalho da lembrança dos atores das lutas sociais dos primeiros 30 anos do século, com quem conviveu pessoalmente.

E desfia minuciosos a galeria de suas fontes vivas: Edgar Leuenroth, líder anarquista cujo arquivo de jornais deu origem ao atual arquivo histórico de lutas sociais da Unicamp, que tem seu nome; Afonso Schmidt; Marino Spagnuolo, vidreiro intelectualizado, dramaturgo e criador do clube literário A Pérola Internacional, que ficava no Belenzinho; Oreste Ristori — todos testemunhas das três primeiras décadas do século. Depois conviveu com a tradição da esquerda mais recente, de Galvão Coutinho e Astrogildo Pereira.

RECOLHIDO

Perguntado a respeito de sua atuação no Partido Comunista Brasileiro, Eduardo Maffei declara que continua fiel a sua formação marxista — "porque Marx criou o verdadeiro humanismo" — e, embora nunca tenha abandonado oficialmente o PCB, deixou completa a militância. "Hoje estou recolhido a meus fins — mais de 800 garrafas — meus amigos, meus livros, minha família e meu único cachorro. E com muita recordação de uma vida bem vivida".

Quanto à conjuntura da política atual, afirma que votaria com o candidato que reunisse maiores condições de derrotar o governo, "pode ser o Montoro". Mas sua perspectiva é de que as eleições serão anuladas, em caso de vitória das oposições. "E, se o PDS ganhar, é a mesma coisa que anular as eleições".

ÚNICA FOZ

Falando d' "A Morte do Sapateiro" explica que são "seis histórias distintas que desaguiam numa única foz, tragadas pelo mesmo redemoinho social", com muitos personagens, como a paulista tradicional surpreendida pela revolução de 30 e que passa a viver entre dois momentos históricos, o de antes e depois da queda do café; Breno, um personagem político que tem algo de autobiográfico; "Etopeu é aquele que descobre as paixões e costumes de sua época — explica. — É um personagem descomprometido com todas as correntes, como o próprio povo brasileiro, e acaba lutando na Guerra Civil espanhola, ao lado dos republicanos".

Sobre sua carreira na medicina, que abandonou em 1976, disse que, como clínico geral, discorda da forma como a ciência é atualmente atomizada entre inúmeras especialidades. Mas a literatura exerce desde sempre, desde o primeiro artigo em dezembro de 1929. E aprendeu a escrever com cartas de amor. "Uma namorada é muito mais importante que o público" — sorri brincalhão.

OPINIÃO DE BERLIOZ

A respeito dos críticos, o bem-humorado itiano — "sou o maior produto de Itu" — cita uma opinião do músico Hector Berlioz: "Quando você erra a primeira vez, você percebe que erra. Na segunda vez que erra, o maestro percebe. Na terceira, seus companheiros músicos o fazem também. Na quarta, é o público que irá perceber. Finalmente, na quinta vez em diante os críticos passarão a percebê-lo." E por isso que costuma escrever seus livros pelo menos cinco vezes.

A pergunta se pretende continuar a escrever, lembra outra opinião, agora do escritor Thomas Mann, manifestada pelo protagonista de "Tonio Kroeger": para quem escrever não é nenhuma bênção mas antes uma maldição. "Mas pretendo continuar a escrever, sim — assegura, mais uma vez com bom humor. Para arrematar enfático: "Cartas de amor." E em seguida ricompassado.



Eduardo Maffei, sempre bem-humorado.



O artista, que vive em Londres, toca hoje e dia 16 no Cultura Artística.

Cohen, um pianista que a Europa conhece bem

Trata-se de uma rara, ou melhor, de duas raras oportunidades para assistir a um dos mais premiados pianistas brasileiros, Arnold Cohen, que hoje vive em Londres e atua em orquestras como a Royal Philharmonic e a Gewandhaus de Leipzig e a Filarmônica de Hamburgo. Hoje, ele estará se apresentando, a partir das 21 horas, no Cultura Artística, com a integral das "Baladas" e dos "Scherzos" de Chopin e, no dia 16, volta ao palco daquela teatro para interpretar o "Concerto n.º 2", de Rachmaninoff.

Definido pelo "Times" como "senhor de uma técnica deslumbrante", Cohen reside há um ano na capital inglesa — "viajava muito para a Europa e, então, resolvi fixar residência lá" — e, entre suas mais notáveis conquistas, está a de ter sido o primeiro pianista sul-americano a ser convidado para uma turnê pela China, após a Revolução Cultural, e o pioneiro dos concertos multiraciais na África do Sul — "só aceitei o convite sob esta condição": isso para não falar de outra vitória maior, por unanimidade dos jurados, do primeiro prêmio do Concurso Internacional Busoni, que não era concedido há anos.

Fazendo uma média de cem recitais e concertos por ano, Arnold Cohen, que trocou a engenharia pelo piano aos 19 anos, diz que preferia as apresentações ao vivo do que gravar discos. "Particpei apenas de uma gravação, em 78, na Itália, e, nesse disco, que está agora em terceira edição, interpretava baladas e scherzos de Chopin. Foi a única experiência e já estou arrependido. Pretendo, inclusive, comprar a gravação para não reditá-la".

Perfeccionista, Cohen justifica essa atitude afirmando que uma gravação como essa, feita há quase quatro anos, não corresponde mais à concepção que tem hoje das obras gravadas, "o que invalida completamente o disco". O ideal, para ele, seria uma gravação ao

vivo — "não se pode negar a imperfeição, corrigindo-a através de truques de mixagem". Talvez no futuro volte a pisar num estúdio de gravação. Por enquanto, o pianista prefere cumprir o extenso programa traçado por seus empresários europeus, que inclui uma turnê pela União Soviética em setembro, onde apresentará obras de Brahms e Haendel, peças longas conforme a preferência de Cohen.

"Gostaria de incluir música erudita brasileira, como faço geralmente em outros concertos, mas no caso da União Soviética será praticamente impossível. E um problema de construção de programa, por que a nossa música é dirigida para o miniaturismo — vide as cirandas de Villa-Lobos, por exemplo — e eu gosto de séries, grandes obras, sem que isso signifique pouca grandiosidade na música brasileira." Mas, em seu próximo recital no Concertgebouw, Cohen executará o "Divertimento", de Marios Nobre, compositor que admira.

O pianista, aliás, não possui gosto musical cristalizado, como faz questão de esclarecer: "Tanto posso executar as baladas de Chopin como o Concerto n.º 2, de Rachmaninoff. Por que não o compositor russo? O público gosta e eu também. Há compositores eruditos contemporâneos que admira, mas, depois de Stravinski, chegamos a um ponto crítico, com toda essa parafarnalia eletrônica. Entretanto, deixo para o futuro a tarefa de julgar os Beethovens de hoje".

Arnold Cohen ficará no Brasil apenas para esta curta temporada, devendo regressar à Europa, onde participará como jurado do Concurso Internacional Busoni, na Itália. Os ingressos para cada um dos recitais do pianista, ex-aluno de Jacques Klein e Dieter Weber, estão à venda nas bilheteria do Cultura Artística, a Cr\$ 300 e Cr\$ 150 (estudantes).

Disco/Crítica



O artista lança seu primeiro LP, "Cabelos de Sansão", pelo selo Lira Paulistana.

Baladas e serestas do roqueiro Tiago Araripe

MIGUEL DE ALMEIDA

CABELOS DE SANSAO — Tiago Araripe. Disco Lira Paulistana. Produção: Wilson Souto Jr. (Gordo). Músicos: Cid Campos, Felipe Avilla, Luiz Brasil, Xico Carlos, Tiago Araripe e outros.

Autor de canções: Tiago Araripe. É o que mais marca em seu primeiro LP, "Cabelos de Sansão", pelo selo Lira Paulistana.

Não se pense que é afirmação fácil. Há tempos que a canção — essa coisa singela — perdeu o sentido, passou a designar amontoados de lixo. Fazer canção não é assim tão fácil. Ficou somente nos últimos tempos: todos repetindo o mesmo baiao cantado por Luiz Gonzaga na década de 50. Canção requer estruturas definidas, bem resolvidas, com a harmonia abrindo caminhos, na maioria das vezes sintetizando tendências. Seria mais um trabalho de mestre, não de inovador, na divisão de Pound — olha eu al azeitando certas áreas...

Tiago Araripe trafega pelas canções, num misto de roqueiro com autor de bailes. Nenhuma das duas linguagens surgem definidas, regionalizadas, mas lançando mão da salada, da miscelânea. As canções se enveredam por ambas direções, incorporando as conquistas e avanços, se tornam criativas pelo confronto, pelo choque. Seria John Lennon cumprimentando Luiz Gonzaga, sob os olhos de variada platéia, Andy Warhol e Jimi Hendrix entre eles.

Não, esse é apenas o osso de Tiago Araripe. Há ainda a cobertura e até certo recheio. As estruturas, a medula, porém, revelam trabalho cuidadoso, de quem conhece a fundo o cancionero brasileiro, onde as melodias surgem compostas sob variadas citações, sempre abusando do humor. São canções, misto de baladas, serestas e rocks, com frases que interpretam a letra, numa perfeita harmonia. Não se ouve um verso, dito ao acaso, que caia fora da linha harmônica. Ou melhor: não se força a barra.

Al comeca outra vertente — um novo osso? Tiago faz música com quem escreve poesias. Suas harmonias são roupas para os versos. Ou seriam versos musicais? A ordem não importa, porque o resultado é um só: a sutileza. As harmonias, simples, cantam as letras sem pressa, com a palavra tendo

predominância sobre a musicalidade. Aliás, a musicalidade é enriquecida pela poesia bem estruturada, com sonoridades poéticas distribuídas numa bela união com a melodia.

Fica a dúvida: canção ou poesia? Talvez as duas. Numa só coisa. É que a canção bem realizada seja como poesia. Parece ser esse o caminho perseguido por Tiago. Seu trabalho reúne variadas tendências, as influências que marcaram uma juventude que hoje beira os trinta anos, de Rolling Stones e Jimi Hendrix, mas o ouvido não podendo se desprezar da vitrola que toca bailes de Luiz Gonzaga, a voz elétrica de Gilberto Gil.

As letras de Tiago Araripe beirram muitas idéias, lançam mão de técnicas bem resolvidas, os versos recorrendo a citações do universo pop. Exemplo de bom humor pop: "Estrela-do-mar...pousada em oitenta/com o seu vestido azul/felto moça zona azul/pastorando disco-voador." Ou mais um pop-rock: "Meg Maria fazia de conta/que apenas ela existia/no seu kitchenete decorado ao gosto/de uma estudante que prometia...antes de formada estará casada/com um cara da pesada." O bom humor é constante. Ao mesmo tempo que choca, coloca na mesa outro prato — comer ou não? Exemplo: "Tuas pernas gordas/balançam junto às minhas/me alcançam mas ainda/estás distante/com um elefante."

Araripe usa bem a rima por senioridades. Difícil é não ler suas canções sem se obter novos sons a cada nova leitura. E sempre são humorados, flashes ingênuos, cativantes. Diz: "Fui pelos teus raios/vim nas ondas do rádio/ou vi quando a chuva se fez na cabeleira do rio/fazendo estríbilho/com os filhos do/ano 2.000." Ou: "Sem você/tão vazlo é o meu braço/antes facho/pé-de-vento/pereré."

Estranho é como os arranjos, feitos por Tiago e o grupo Sexo dos Anjos, oscilam entre bons achados e meras besteiras. Há soluções infantis, que poderiam ser melhor resolvidas, soando como ingênuas. Noutra extremo, conseguem efeitos que valorizam as canções, não reproduzindo apenas os acordes, mas tratando de criar linguagens paralelas.